

Este paper é apresentado à Diretora de Ensino do IJUSC como pré-requisito para avaliação semestral do processo de Formação para Analista Junguiano.

Candidata: Maria do Carmo de Souza

Paper 6 – Florianópolis, 14 de novembro de 2023.



A ANÁLISE JUNGUIANA – Uma Obra Alquímica

“O verdadeiro segredo não age ocultamente, mas apenas usa uma linguagem secreta: ele é prefigurado por uma grande variedade de imagens que apontam para a sua essência” Jung (OC 8/2 § 345).

A psicologia analítica encontra seu eco na alquimia, que mostra o caminho para compreender a voz do inconsciente, quando se faz possível a leitura dos símbolos vindos deste mundo obscuro, porém, real. Jung (2012, p.10) se refere a Herbert Silberer como sendo o primeiro a ver o aspecto psicológico da alquimia. Também reconhece a relevância deste conhecimento para a análise dos sonhos, ao mencionar, no prefácio de suas Obras Completas (Jung, OC 14/1) que “as imagens da meta a atingir, que se manifestam nos sonhos, correm muitas vezes paralelamente aos símbolos alquímicos correspondentes”, portanto, alquimia e sonhos pertencem ao mesmo dinamismo psíquico. Esta é a chave que abre os portais da análise junguiana.

Sob esta ótica, vamos desenvolver um diálogo entre a análise junguiana e a alquimia e destacar alguns aspectos comuns entre esses dois universos psíquicos.

Sobre este tema (Von Franz, 2022, p.19) relata que “O processo de desenvolvimento psicológico é análogo aos estágios na transformação alquímica da matéria básica em ouro – a pedra filosofal”. Isto é o que Jung (1987, OC 7/2 § 266) chama de Individuação, ou realização do Si-mesmo. Ou ainda, para Jung

(OC 7/2 § 266), a “Individuação significa tornar-se um ser único”. E os sonhos no processo analítico são mensageiros que partem do inconsciente para apontar o caminho em direção à essa meta. Tendo como referência a citação em epígrafe, percebe-se a importância do segredo na relação terapêutica e a semelhança desta postura com o trabalho dos alquimistas. Os sonhos noturnos acontecem num momento de silêncio e intimidade e guardam seus segredos que só podem ser decifrados por níveis de consciência despertos.

Para compreender o significado da mensagem onírica, é preciso estar familiarizado com o mundo arquetípico. Assim, entenderá a linguagem dos símbolos e abstrairá o que está oculto por trás das imagens. Há, portanto, uma ponte que liga esses dois universos: alquimia e sonhos.

Tanto o analista quanto o alquimista, no percurso de seus trabalhos, se deparam com uma variedade de imagens de difícil compreensão, por estarem tentando entender o que está por vir. Apenas o conhecimento já adquirido não representa segurança em relação ao desconhecido. Neste caso, é preciso contar com muita sensibilidade e confiança para prosseguir nesta obra entrelaçada por ciência e arte. Comportamento este que também era adotado pelos alquimistas que se conectavam com as divindades, antes de iniciar suas experiências pré-científicas, numa atitude de pertencimento a uma sabedoria superior, já que nada sabemos, sobre o caminho que vamos percorrer juntos.

Assim como na *opus alquímica*¹, a análise também passa por diversas fases correspondentes: *nigredo*, *albedo* e *rubedo*, respectivamente correspondente às cores preta, branca e vermelha.

No início da terapia, quando o paciente apresenta suas queixas, estas estão embasadas em conteúdos egóicos e são relatadas por uma consciência racional, concreta e unilateral. A construção da personalidade já está pronta, porém não satisfatória. É por esta insatisfação que o indivíduo recorre à terapia. Quase sempre com a libido estagnada que impede o fluxo da vida. Esta é a fase da *nigredo* que Jung (OC 12 § 334) explica como sendo o estado inicial e uma qualidade da “prima matéria”. A psique, aqui, se depara com o conflito e uma mistura de sentimentos e sensações indiscriminadas, que solicitam a separação dos elementos da sombra.

¹ *Opus alquímica* - a obra (química) ou experimento. Jung, (OC 14/1, p. 359).

Enquanto o inconsciente abrange a totalidade, a consciência percebe os fatos com olhar mais focal, numa direção unilateral. O indivíduo está confuso em relação à sua identidade. Seguindo o pensamento de Edinger (2006, p. 61), é quando “todos os pensamentos, ações e lembranças que trazem vergonha, culpa ou ansiedade precisam ter plena expressão”. Nesta fase do processo é relevante, o nível de confiança depositado no analista para que ocorra a liberação dos afetos, pois estes, “se tornam o fogo que é capaz de secar os complexos e purificá-los”. O fogo, para Jung, citado por Edinger (2006, p. 38), significa a libido.

É com este aquecimento que os afetos podem ser liberados de forma espontânea e intensa, para que os muros da rigidez da personalidade possam ser destruídos, para ter acesso à sombra. Fazendo uma associação com a alquimia, Edinger (2006, p. 42) afirmou que “a *calcinatio* é efetuada no lado primitivo da sombra, que acolhe o desejo faminto e instintivo e é contaminado pelo inconsciente”. Ou seja, o que está obscuro para a consciência. Complementando essa ideia sobre a sombra, Jung (OC 9/2 § 15 e 16) descreve como sendo os traços obscuros do caráter, da inferioridade do indivíduo, que precisam ser compreendidos, transformados e integrados à consciência, pois “o inconsciente também inclui componentes que ainda não alcançaram o limiar da consciência. Constituem eles as sementes de futuros conteúdos conscientes”, conforme Jung (OC 7/2, § 204). Este é o caminho que leva a união dos opostos.

Com referência à ideia acima mencionada, após a queda dos alicerces que sustentavam a personalidade, o ego passa para um estado indiferenciado e isto o torna vulnerável, pois suas crenças são desmoronadas. Este é o estado da *solutio* (solução), uma das operações alquímicas em que a matéria é diluída pela água, onde as formas sólidas são dissolvidas,

Na psicoterapia, é quando o ego rígido é enfraquecido, vem o choro, o arrependimento, a culpa. É neste estágio vulnerável que o paciente começa a ter conhecimento de sua sombra. A persona já não se sustenta mais, as ilusões são reconhecidas. É o momento da morte do velho ego, correspondente à operação da *solutio* que dissolve uma estrutura sólida para o nascimento de nova estrutura mais orientada pelo *Self*. Para esclarecer, Edinger (2006, p.75) afirma que “entendida em termos psicológicos, tal definição afirma que o agente da dissolução será um ponto de vista superior, mais abrangente - capaz de atuar

como recipiente para a coisa inferior”. A partir desta visão, o psicoterapeuta pode provocar a *solutio*, por ter sido considerada pelo paciente, como o detentor do saber. Para Edinger (2006, p. 77), “o agente da *solutio* é, basicamente, o Si-mesmo”, que no caso da análise pode ser projetado na pessoa do analista.

E para sinalizar este estágio, Edinger (2006, p. 77) observou que os sonhos trazem temas relacionados à água, como o banho, o aguaceiro, o chuveiro, a natação, a imersão na água, que são equivalentes simbólicos da *solutio*. É quando se dissolve uma forma sólida para fazer nascer uma nova forma. Ao explorar a sombra, entraremos num terreno desconhecido, portanto requer cautela, e é imprescindível que o ego esteja suficientemente fortalecido para poder lidar com as demandas do inconsciente. E a via de acesso mais eficiente para esta finalidade é a leitura das mensagens oníricas, por tratar-se de um ato espontâneo da psique.

É a partir da compreensão da linguagem simbólica que podemos decodificar o significado das imagens. Vendo por esta ótica a amplificação dos sonhos se confunde com a prática alquímica considerando que: “o método da alquimia, do ponto de vista psicológico, é o da amplificação ilimitada” (Jung, OC 12 § 403). Esta visão corrobora com a investigação detalhada e ampla que é necessária ao tentar compreender um sonho em sua profundidade, pois este nos mostra conteúdo da natureza humana e da natureza divina. Esta última, por pertencer ao mundo dos arquétipos, só pode ser revelada àqueles que já passaram por alguma depuração e, portanto, estão aptos a conhecer e preservar os segredos, fator indispensável na relação psicoterapêutica. Aqui fica esclarecida a responsabilidade do analista, visto que Edinger (2006, p. 97) reconhece que “[...] é comum que as personalidades do médico e do paciente sejam infinitamente mais importantes para o resultado do tratamento do que aquilo que o médico pensa e diz”. Portanto, na operação da *solutio* o continente que abriga o paciente é a personalidade do analista, que irá influenciar no nascimento do novo Eu.

A próxima fase do processo é a *albedo*, quando os elementos já se encontram purificados e a consciência já consegue discriminar os complexos constelados no vaso analítico. Há uma reflexão mais racional sobre os sentimentos, após a lavagem e purificação das emoções. Aqui, é possível olhar para os afetos sem ser contaminados por eles, pois já houve o reconhecimento

dos complexos e, conseqüentemente, a diminuição do sofrimento. Jung (OC 12 § 334) nos esclarece que “é o estado lunar ou de prata, que ainda deve alçar-se ao estado solar. A ‘albedo’ é, por assim dizer, a aurora; mas só a ‘rubedo’ é o nascer do sol”.

Enquanto a albedo pertence ao campo mental capaz de discriminar os elementos da sombra e fazer suas escolhas, a rubedo é a fase da coagulação, da realização do desejo inspirado na operação anterior, que desce do céu para ser encarnado na terra, considerando que a matéria é uma projeção do mundo interno. É quando o Ego materializa o que foi concebido pelo Si-mesmo. Aqui, temos a influência da Luna, princípio feminino que faz o corpóreo, Edinger (2006, p. 113) diz que “só podemos encarnar por meio de um útero feminino” uma vez que o Si-mesmo em seu estado caótico, não pode dar forma ao corpo. Esta concepção só é possível a partir das relações pessoais, visto que, para fazer fecundar a semente idealizada a nível inconsciente, é preciso da relação terapêutica, pois é nesse vaso que se desenvolve a obra. Na visão desse mesmo autor, (2006, p.101) “para um conteúdo psíquico, tornar-se terra significa concretizar-se numa forma localizada particular – isto é, *tornar-se ligado a um ego*”. Assim, fica compreensível que a *opus* alquímica, análoga ao processo psíquico, revelou aos alquimistas, o que foi citado acima, que a matéria é uma projeção do mundo interno e essa correspondência cumpre a correlação entre as polaridades: “Assim no céu como na terra”. Jung (OC 14/1, §101) sintetiza essas ideias como sendo “o esforço dos alquimistas em unir os opostos alcança o ponto culminante no ‘casamento alquímico’, que é o ato de união supremo a coroar a obra”. É nesta condição, quando ego e self se relacionam de forma harmoniosa, que o ouro filosófico se manifesta. Este é o ápice da obra, denominada *coniunctio*².

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os alquimistas faziam suas experiências em lugar seguro, secreto, usavam linguagem simbólica para se proteger das ameaças externas. Da

² Diz Georgius Ripplaeus: “A *coniunctio* é a combinação de propriedades distintas ou equalização dos princípios”. *Theatrum Chemicum*. II, Ursel: [s.e.], 1602, p. 128.

mesma forma, o analista também exerce sua função num continente seguro onde os segredos relatados possam ser preservados e mantidos em sigilo.

Tanto o analista quanto o alquimista atuam de forma solitária, sem se valer das defesas intelectuais, possibilitando em ambos, um mergulho na fonte criadora do inconsciente, a fim de encontrar, na visão de Jung (OC 12 § 157) “o símbolo da força vital em incessante renovação”.

Durante a *opus* alquímica e a análise, o processo passa por diversas fases visando a purificação com o intuito de encontrar a *prima materia*: o ouro filosófico.

O início do processo terapêutico, normalmente, é marcado pela *nigredo*, quando o paciente projeta a culpa de seus conflitos no ambiente externo, por falta de discriminação da sombra.

Quando o indivíduo reconhece seus complexos e coloca luz na sombra, vai para a fase da *albedo*. Neste estágio, já existe a diferenciação dos elementos, a energia foi liberada e aparecem os desejos pelo novo. É a fase da idealização.

No entanto, é preciso entrar na *rubedo* para atingir a realização, isto é, alcançar o ouro, a pedra filosofal. É quando o inconsciente se realiza por ter havido a integração da sombra. Tanto na *opus* alquímica, quanto na análise, a meta é o casamento do consciente com o inconsciente, a *coniunctio* citado por Jung (2012) representando a união dos opostos.

Nesta obra, tão relevante para a autorrealização, participam o paciente e o analista ativamente do processo, e o fator sigilo é o que possibilita manter a química em combustão, sem dispersá-la, para que possa gerar energia.

Ao escrever este trabalho, pude perceber que tal ideia foi apenas a porta de entrada para um tema muito complexo, que para compreendê-lo com profundidade requer muito mais tempo e dedicação.

Referências Bibliográficas

EDINGER, F. E. **Anatomia da Psique**. São Paulo: Editora Cultrix: 2006.

FRANZ, M. L. V. **Alquimia**. São Paulo: Editora Cultrix: 2022.

JUNG, C.G. **Estudos Sobre o Simbolismo do Si-Mesmo**. Vol. IX/2 das Obras Completas. Petrópolis: Ed. Vozes, 1988.

JUNG, C.G. **Estudos Alquímicos**. Vol. XIII das Obras Completas. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.

JUNG, C.G. **Mysterium Coniunctionis**. Vol. XIV/1 das Obras Completas. Petrópolis: Ed. Vozes, 2012.

JUNG, C.G. **O Eu e o Inconsciente**. Vol. VII/2 das Obras Completas. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987.

JUNG, C. G. **Psicologia e Alquimia**. Vol. XII das Obras Completas. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007.

MATTOON, M. A. **Como Entender os Sonhos**. São Paulo: Editora Paulus: 2013.